

Desafio na vida real: capacitação sobre uso de drogas e adolescência na atenção básica

Bruna Antunes de Aguiar Ximenes Pereira^I , Renata Cruz Soares de Azevedo^{II} 

^I Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas. Campinas, SP, Brasil

^{II} Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria. Campinas, SP, Brasil

RESUMO

Diretrizes ressaltam a importância da abordagem do uso de substâncias por adolescentes, particularmente na atenção básica. Todavia, observam-se problemas para sua incorporação. O objetivo deste estudo foi apresentar as etapas de capacitação no tema para profissionais da atenção básica. Realizou-se estruturação logística, elaboração do conteúdo e avaliação das dificuldades antes e após a capacitação. Participaram 60% dos profissionais envolvidos no atendimento de adolescentes em município de médio porte. Mais da metade afirmou ter dificuldades na abordagem, principalmente limitações teóricas e pouco tempo para atendimento. Após o treinamento, os profissionais informaram se sentir mais preparados, mas dificuldades práticas se mantiveram.

DESCRITORES: Atenção Primária à Saúde, recursos humanos. Usuários de Drogas. Triagem. Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias, prevenção & controle. Serviços de Saúde do Adolescente.

Correspondência:

Bruna Antunes de Aguiar Ximenes Pereira
Rua Dona Rosa de Gusmão, 412
Jardim Guanabara
13073-141 Campinas, SP, Brasil

Recebido: 6 ago 2018

Aprovado: 13 dez 2018

Como citar: Pereira BAAX, Azevedo RCS. Desafio na vida real: capacitação sobre uso de drogas e adolescência na atenção básica. Rev Saude Publica. 2019;53:54.

Copyright: Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase de maior vulnerabilidade para início do uso de substâncias psicoativas. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, realizada em 2015, apontaram que as taxas de uso de tabaco, bebidas alcoólicas e substâncias psicoativas ilícitas até 15 anos de idade foram de 19%, 53% e 9%, respectivamente¹.

A complexidade dos fatores envolvidos no uso de drogas nessa faixa etária torna difícil distinguir os adolescentes que manterão o uso, com chance de exposição a riscos e evolução para dependência. A precocidade da identificação e do manejo podem reduzir as consequências deletérias e os profissionais da atenção básica destacam-se entre os principais atores para o estabelecimento dessas ações. A sensibilização dos gestores, a motivação e a capacitação das equipes da atenção básica podem contribuir para modificação desse cenário, incorporando na rotina de atendimento ferramentas de triagem, intervenção breve e encaminhamento, caso necessário. Os principais obstáculos para essa inserção são: ausência de treinamento, pouco tempo de consulta, dificuldade em conduzir os casos positivos e pessimismo quanto aos benefícios do rastreio².

A proposta deste estudo foi descrever o processo de capacitação de profissionais da atenção básica para identificação e manejo de adolescentes em uso de substâncias psicoativas, dos obstáculos para sua realização e das dificuldades apontadas pelos profissionais antes e após a capacitação.

MÉTODOS

Estudo descritivo, quali-quantitativo, que apresenta as etapas para realização de capacitação de profissionais da atenção básica sobre abordagem do uso de substâncias psicoativas por adolescentes. Os sujeitos elegíveis foram todos os profissionais de saúde do município de Paulínia, SP, que realizavam atendimento de adolescentes em unidade básica de saúde (UBS) do município nos anos de 2015 e 2016.

Inicialmente, foi realizado contato com a Secretaria Municipal, que autorizou a participação na capacitação; visitaram-se as UBS para apresentação da proposta aos coordenadores e equipes. Foi sugerida capacitação de 3 horas, com grupos de 20 participantes, em local de fácil acesso.

Em cada encontro, houve coleta anônima dos seguintes dados sociodemográficos: sexo, idade, profissão e tempo de formado. Para a avaliação da percepção de sucesso dos profissionais na realização de abordagens dos adolescentes em uso de substâncias psicoativas, foi realizado o questionamento fechado “Você acha que tem sucesso na abordagem de adolescentes em uso de álcool ou outras drogas?”, aplicado antes da capacitação. Para avaliação das dificuldades para abordar o uso de drogas por adolescentes na atenção básica, foi realizada a pergunta aberta “Como profissional, quais são as principais dificuldades para incorporar a abordagem do uso de álcool e outras drogas entre adolescentes no seu cotidiano de atendimento na UBS?”, aplicada antes e após a capacitação.

Foi realizada análise exploratória através de medidas-resumo das perguntas fechadas acerca dos dados sociodemográficos. Para apresentação das dificuldades resultantes da pergunta aberta, antes e após a capacitação, os pesquisadores liam as respostas de forma independente e agrupavam as dificuldades referidas pelos profissionais

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (CAAE 41227514.6.0000.5404).

RESULTADOS

As etapas para viabilização do processo de capacitação foram divididas em quatro fases. Na fase 1, foi realizado contato com a assessora técnica da saúde mental do município para

explicação do projeto e agendamento de reunião com a diretora do Departamento de Saúde Mental. Posteriormente, foi feita uma reunião em conjunto com a diretora do Departamento de Pediatria, momento em que foram definidos os profissionais elegíveis para participação nos treinamentos, ou seja, todos aqueles envolvidos na linha de cuidado dos adolescentes na atenção básica. Na fase 2, após a autorização da Secretaria de Saúde do município, foi realizado contato com as UBS para apresentação do projeto, solicitação da liberação dos profissionais para a capacitação e para entrega da carta convite. Na fase 3, foi realizado o primeiro ciclo de treinamentos.

O conteúdo do treinamento contemplou: particularidades físicas e psíquicas da adolescência, desenvolvimento cerebral, dados epidemiológicos nacionais e internacionais sobre o uso entre adolescentes, padrões de consumo, importância da identificação na fase inicial, fatores de risco e proteção, prevenção no ambiente de saúde, versão em português³ do instrumento CRAFFT (acrônimo de *Car; Relax; Alone; Forget; Family/Friends; Trouble*) para rastreamento e avaliação de gravidade. Apresentou-se também o fluxograma SBIRT² (Rastreamento, Intervenção Breve e Encaminhamento para Tratamento, em tradução da primeira autora) e orientações para encaminhamentos dentro da rede do município, quando necessário.

Visando a uma atividade interativa, foi produzido material digital com os temas definidos e disponibilizada apostila impressa para cada participante, com conteúdo mais detalhado e espaço para complemento de informações e esclarecimento das dúvidas debatidas.

Tabela. Dificuldades apontadas antes e após capacitação sobre abordagem do uso de substâncias psicoativas por adolescentes na atenção básica.

Pré-capacitação	%
Confidencialidade e presença dos pais no atendimento	24,4
Postura não cooperativa do adolescente no atendimento	20,7
Despreparo para abordar o tema	20,7
Ausência de local adequado para realizar a abordagem	20,7
Pouco tempo de atendimento e grande volume de agendamentos	18,3
Não saber quais argumentos usar para motivar o adolescente	13,4
Baixa frequência dos adolescentes na unidade básica de saúde	12,2
Não saber como realizar o tratamento e o seguimento após abordagem e identificação	10,9
Não ter o hábito de perguntar	9,7
Não gostar desse assunto	9,7
Dificuldade em manter o sigilo das informações em atendimentos a parentes de funcionários da unidade básica de saúde	9,7
Não saber quando e para onde encaminhar	9,7
Pós-capacitação	
Falta de experiência para abordar o tema	30,5
Falta de tempo na consulta	24,4
Nenhuma ("Esclareci minhas dúvidas", "Me sinto mais seguro")	19,5
Dificuldade em vincular o adolescente à unidade básica de saúde	14,6
Presença dos pais no atendimento	14,6
Incorporar ao cotidiano da consulta ou dos atendimentos de rotina	14,6
Postura não cooperativa do adolescente no atendimento	13,4
Lidar com o ambiente familiar negligente	13,4
Ausência de local adequado para realizar a abordagem	12,2
Falta de identificação com o assunto	12,2
Volume de atendimentos	12,2
Falta de uniformidade nas condutas da equipe de trabalho	2,4

Embora a capacitação tenha sido organizada a partir da viabilidade explicitada pelos gestores, foram necessários dois ciclos de capacitações, em função de férias, licenças e dificuldade de deslocamento para o curso. Diante disso, houve oito datas adicionais (fase 4), em período matutino e vespertino, contemplando dias da semana não disponibilizados na capacitação anterior, em grupos menores, nas UBS.

Dos 126 profissionais da atenção básica que atendiam adolescentes, 82 participaram do treinamento. Desses, 59 eram médicos, 21 enfermeiros e dois assistentes sociais, correspondendo a 71%, 54% e 50% dos profissionais de cada categoria, respectivamente, atuantes em 2015 e 2016.

A idade média dos participantes foi de 43,9 anos e o tempo médio de formado foi de 19 anos, com maioria do sexo feminino (77%).

No levantamento prévio à capacitação, 64% informaram dificuldades em abordar o uso de substâncias psicoativas nos adolescentes e 10% acreditavam ter sucesso quando a realizavam (Tabela).

DISCUSSÃO

As estratégias de prevenção ao uso de substâncias psicoativas entre os adolescentes, ainda que preconizadas por órgãos de referência, permanecem pouco estruturadas na atenção básica⁴, tornando relevante a publicização de organização de capacitação sobre o tema.

Priorizou-se a disponibilização de informações e ferramentas para que os profissionais se sentissem motivados e confiantes sobre a importância de seu papel na abordagem do uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas nos atendimentos. Objetivou-se estimulá-los a inserir o tema no cotidiano de assistência e capacitá-los para realizar triagens e intervenções a partir da gravidade de cada situação².

Houve participação expressiva dos profissionais da atenção básica do município estudado. Para isso, foram feitas adequações na logística do treinamento diante das dificuldades apontadas pelos gestores. Sugerimos que capacitações futuras privilegiem a participação dos gestores na elaboração e execução do treinamento e flexibilizem sua estrutura às necessidades do contexto em que será aplicado.

O predomínio de profissionais do sexo feminino é consonante com estudos na atenção básica. A média de idade e de tempo de formado foi superior a outros estudos⁵, possivelmente pelo plano de carreira desse município, que favorece a permanência de profissionais.

Falta de treinamento e confidencialidade foram destacadas como dificuldades pelos profissionais. Embora a recomendação dos atendimentos com adolescentes envolva um momento a sós com o profissional de saúde, percebe-se que essa prática necessita ser reforçada e reassegurada no treinamento de equipes da atenção básica. Especialmente em relação ao uso de substâncias psicoativas, a abordagem é melhor executada sem a presença do responsável. Os pais e os adolescentes devem ser informados sobre a confidencialidade do atendimento, incluindo os limites para manutenção ou quebra do sigilo². Sugere-se que esse tópico seja particularmente valorizado.

Os profissionais referiram dificuldades pessoais como fator limitante de sua atuação no tema. Sabe-se que as crenças dos profissionais sobre uso de substâncias psicoativas interferem na capacidade de intervenção, gerando maior ou menor resistência por parte do profissional^{4,5}. Indica-se que treinamentos privilegiem a desmistificação de concepções que não estejam sustentadas pela compreensão científica atual sobre o tema e explorem diferentes dimensões sobre valores e atitudes^{4,5}.

Os participantes apontaram falta de tempo e volume de atendimento como obstáculos para abordagem dos adolescentes nesse contexto; dificuldade destacada antes e após a capacitação, apesar de o instrumento e a abordagem apresentados serem breves. Sugere-se que estratégias como a aplicação do instrumento de triagem previamente aos atendimentos ou sua autoaplicação otimizariam o tempo do profissional com cada adolescente². Ressalta-se a importância de todos os profissionais na linha de cuidado do adolescente, diluindo as responsabilidades e valorizando diferentes saberes.

A baixa frequência de comparecimento e a postura do adolescente foram reportadas como fatores que dificultam a abordagem. Todavia, a literatura aponta que os adolescentes em uso de substâncias psicoativas procuram com maior frequência os atendimentos na atenção básica, e 81% tiveram ao menos um atendimento na atenção básica no ano anterior ao tratamento⁴. Diversas razões que motivam a entrada no serviço podem proporcionar uma porta para o acesso e discussão do uso de substâncias psicoativas². Além disso, a atenção básica oferece acesso rápido e menos estigmatizante nas intervenções em adolescentes do que os serviços formais de tratamento de uso de substâncias psicoativas.

As dificuldades sobre a abordagem propriamente dita devem ser assuntos centrais nas capacitações. É de suma importância discutir o acesso a instrumentos de triagem de fácil aplicação, com boa correlação com a clínica e embasamento do profissional para orientar sobre riscos relacionados ao uso de substâncias psicoativas nessa faixa etária, de forma empática e compreensiva, em contraposição a estratégias de confronto².

Alguns profissionais não se mostraram motivados a abordar o tema nem antes nem após a capacitação. Embora a incorporação da abordagem do uso de substâncias psicoativas na atenção básica devesse ser realizada por todos os profissionais, as equipes podem identificar pessoas com maior interesse para a sua realização, respeitando diferenças individuais⁵.

Após a capacitação, houve aumento na autopercepção de preparo para abordar o tema, em acordo com a literatura, que destaca que o treinamento exerce papel essencial na motivação e preparo dos profissionais para realizar questionamentos e intervenções nesse tema⁴. Todavia, algumas dificuldades permaneceram após a capacitação, embora menos frequentes. Surgiram novos obstáculos, como incorporação da abordagem à rotina e preocupação com o seguimento e ambiente familiar. Consideramos que essas falas indicam reflexão sobre o tema e inquietações salutares no processo de aprendizado.

Como limitação na interpretação dos dados, destacam-se o caráter subjetivo no agrupamento das respostas sobre as dificuldades elencadas e, embora garantido o anonimato, a possibilidade de inibição nas informações sobre dificuldades após a capacitação.

Portanto, embora haja indicativos do inestimável valor dos profissionais da atenção básica no tema, é necessário fornecer ferramentas para que possam executar seu papel e contribuir para modificação do atual cenário. A disponibilização do processo de capacitação, incluindo seu preparo e dificuldades na vida real, permitem a discussão franca sobre suas potencialidades e seus limites e ajustes frente à diversidade de contextos em que estão inseridos os profissionais da atenção básica e os adolescentes, foco principal desta proposta.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) – 2015. Rio de Janeiro: IBGE; 2016.
2. Harris SK, Louis-Jacques J, Knight JR. Screening and brief intervention for alcohol and other abuse. *Adolesc Med State Art Rev.* 2014;25(1):126-56.

3. Pereira, BAAX, Schram PFC, Azevedo RCS. Avaliação da versão brasileira da escala CRAFFT/ CESARE para uso de drogas por adolescentes. *Cienc Saude Coletiva*. 2016;21(1):91-9. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015211.05192015>
4. Sterling S, Valkanoff T, Hinman A, Weisner C. Integrating substance use treatment into adolescent health care. *Curr Psychiatry Rep*. 2012;14(5): 453-61. <https://doi.org/10.1007/s11920-012-0304-9>
5. Ronzani TM, Mota DCB, Souza ICW. Prevenção do uso de álcool na atenção primária em municípios do estado de Minas Gerais. *Rev Saude Publica*. 2009;43 Supl 1:51-61. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000800009>

Contribuição dos Autores: Concepção e planejamento do estudo: BAAXP, RCSA. Coleta de dados: BAAXP. Análise e interpretação dos dados: BAAXP, RCSA. Elaboração ou revisão do manuscrito: BAAXP, RCSA. As autoras aprovaram a versão final do manuscrito e assumem a responsabilidade pública pelo seu conteúdo.

Conflito de Interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.